

O FIM DO PADRÃO PRODUTIVISTA E A NECESSIDADE DE REVER CONCEITOS

*Sergio Salles-Filho*¹

Comenta-se hoje, com freqüência cada vez maior na literatura especializada, que a produção agrícola passa por um importante momento de transformação. Diversas análises vêm afirmando que as formas de produzir na agricultura estão sendo radicalmente modificadas. Desde concepções globalizantes, que inserem as transformações atuais da agricultura no fim do paradigma fordista ou no surgimento do quinto ciclo de Kondratiev, até percepções meramente factuais, em certos produtos e em certos países, assiste-se ao questionamento da sobrevida do assim chamado padrão produtivista.

Resumindo os argumentos levantados pelas diferentes abordagens, pode-se dizer que os três pilares fundamentais do padrão produtivista estão alcançando, de forma sincrônica, seus pontos críticos: os mecanismos regulatórios; as demandas da agricultura; e as bases de conhecimento.

Nesse primeiro conjunto de instâncias de sustentação do padrão produtivista encontram-se as políticas de promoção da produção, que em seus variados arranjos visavam, grosso modo, fomentar a produção barata e abundante de alimentos e de matérias-primas, garantindo, ao mesmo tempo, a continuidade dessa produção pela sustentação da renda do produtor agrícola. Subsídios, políticas de preços mínimos, regulação de estoques, barreiras tarifárias e não tarifárias, estímulo à exportação, entre outros, foram e têm sido mecanismos amplamente utilizados em virtualmente todas as agriculturas do planeta, desde os anos 30, mas principalmente difundidos a partir do II Pós-guerra, quando da instituição pelos países desenvolvidos, especialmente da Comunidade Européia, das políticas de auto-suficiência alimentar.

¹ Professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica-DPCT, da Unicamp.

Desde os anos 80, entretanto, este quadro vem sofrendo reveses. A elevação brutal dos custos dessas políticas e sua pressão nas finanças públicas, o atingimento de níveis de produção “acima das necessidades alimentares” nas principais culturas e criações, a tendência de rompimento das barreiras protecionistas, materializada no final das negociações do GATT, a entrada de novos produtores no mercado internacional, entre outros fatos dessa natureza, vêm provocando o rompimento das políticas agrícolas que tradicionalmente foram implementadas nos últimos 50 anos e que deram sustentação imprescindível ao crescimento do padrão produtivista.

As mudanças das demandas na agricultura são outro fenômeno visível. As atribuições que tradicionalmente pesam sobre a agricultura - de produção barata de alimentos e matérias-primas, de reserva de mão-de-obra para a indústria e de geradora de excedentes para a exportação - já de há muito foram ultrapassadas. Nos últimos 25 anos, no Brasil (e há mais tempo nos países desenvolvidos), as demandas evoluíram de uma natureza centralmente funcional para outra de ordem valorativa, ou seja, a agricultura como um *locus* de valorização dos capitais, um *locus* como outro qualquer, no qual interferem estratégias diferenciadas, que atentam para a quantidade tanto quanto para a qualidade. Tal fenômeno borra as diferenças entre a chamada economia agrícola da economia industrial.

As demandas de caráter ambiental, ou aquelas relacionadas à diversificação dos padrões de consumo alimentar; a ampliação das possibilidades de inovação em produtos, o papel cada vez maior da inovação como elemento diferenciador dos capitais investidos na agricultura, aliado com as transformações dos padrões de intervenção na agricultura, como anteriormente comentado, aproximam definitivamente o processo decisório da firma agrícola com o processo decisório da firma industrial. Ao assumir a agricultura como inserida na dinâmica de produção capitalista, há que refletir no alcance de suas especificidades; há que repensar, sobretudo, a validade dos conceitos tradicionalmente aplicados ao estudo da economia agrícola.

Finalmente, o terceiro pilar de sustentação do padrão produtivista, as bases científicas do conhecimento, vem igualmente sendo transformado. As trajetórias tecnológicas típicas do padrão produtivista encontram hoje limites à continuidade de sua exploração. A revolução que mal se inicia da biologia molecular deverá, nos próximos trinta anos, alterar radicalmente os princípios de equacionar e de resolver os problemas técnicos da produção

agrícola. Da mesma forma, as aplicações da microeletrônica, seja na informática, seja nas telecomunicações, seja ainda na forma de novos equipamentos para uso na produção agrícola, determinarão um novo padrão tecnológico.

Há, portanto, um conjunto de fenômenos que reorientam as bases produtivas da agricultura. O padrão produtivista cede lugar, paulatinamente, para um padrão diversificado, qualitativista e de dinâmica evolucionista concorrencial, no sentido shumpeteriano do termo.

Este é também um desafio das ciências sociais, voltadas ao estudo da agricultura e de suas relações produtivas, tecnológicas, sócio-econômicas e ambientais. Cadeias, complexos e sistemas são conceitos que, entre outros, vêm sendo empregados, desde os anos 50, para qualificar as relações verticais e horizontais da agricultura. Há que avançar, a partir destes conceitos, para um exercício que não é apenas prospectivo, mas também reflexivo, de uma realidade que já se insinua em diversas situações produtivas.